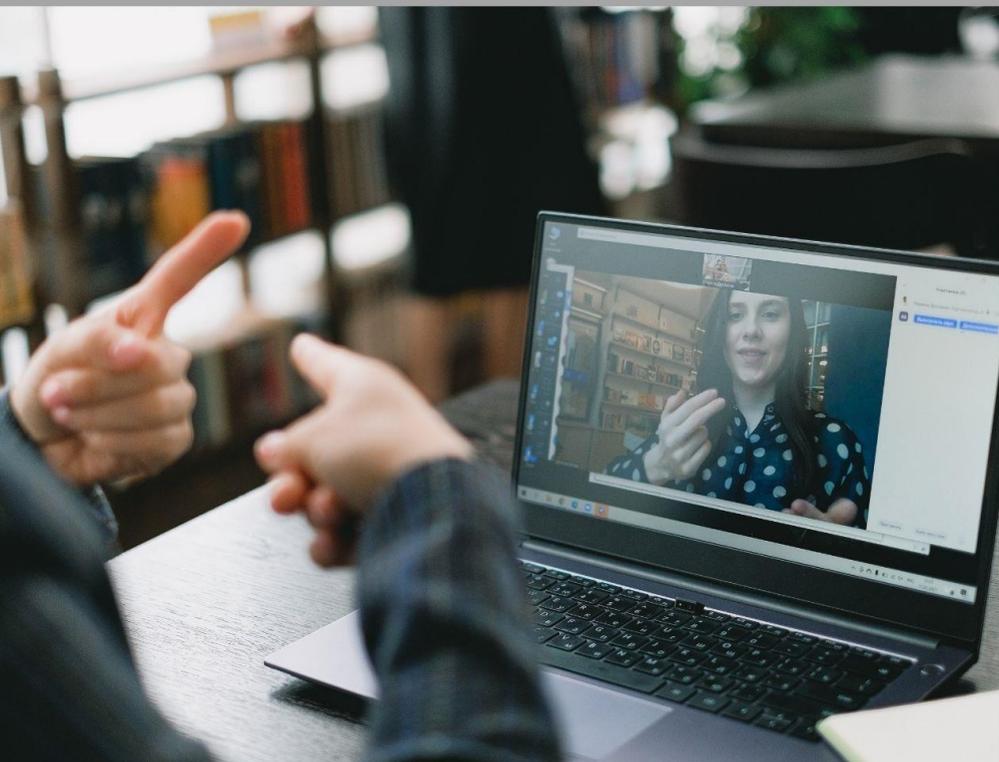


ÁGATHA NASCIMENTO DOS SANTOS CAMILO

# A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COMO FATOR CONSTITUTIVO DAS IDENTIDADES SURDAS



**ÁGATHA NASCIMENTO DOS SANTOS CAMILO**

**A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COMO FATOR  
CONSTITUTIVO DAS IDENTIDADES SURDAS**



Capivari de Baixo

2021

**Editora** FUCAP – 2021.

**Título:** A língua brasileira de sinais como fator constitutivo das identidades surdas.

**Autora:** Ágatha Nascimento dos Santos Camilo.

**Capa:** Andreza dos Santos.

**Revisão:** Da autora.

**Editoração:** Andreza dos Santos.

**CONSELHO EDITORIAL**

Expedito Michels (Presidente)

Emillie Michels

Andreza dos Santos

Dr. Diego Passoni

Dr. José Antônio da Silva

Dr. Nelson G. Casagrande

Dr. Roberto M. da Silveira

Dr. Rodolfo Lucas Bortoluzzi

Dr. Rodrigo Luvizotto

Dra. Jamile Marques

Dr. Hamilcar Boing

Dra. Beatriz M. de Azevedo

Dra. Patrícia de Sá Freire

Dra. Joana Dar'c S. da Silva

Dra. Solange Maria da Silva

Dr. Paulo Cesar L. Esteves

Dra. Adriana C. Pinto Vieira

C172I

Camilo, Ágatha Nascimento dos Santos.

A língua brasileira de sinais como fator constitutivo das identidades surdas. / Ágatha Nascimento dos Santos Camilo. Capivari de Baixo: Editora FUCAP, 2021.

ISBN: 978-65-87169-26-2

1. Língua brasileira de sinais. 2. Educação de Surdos. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada na fonte por Andreza dos Santos – CRB 14/866.

Editora FUCAP – Avenida Nilton Augusto Sachetti, nº 500 – Santo André, Capivari de Baixo/SC. CEP 88790-000.

Todos os Direitos reservados.

Proibidos a produção total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo art. 184 do Código Penal.



Publicado no Brasil – 2021.

# DEDICATÓRIA

---

A meu esposo, Felipe, meu companheiro inseparável.  
À minha família por sempre ter acreditado no meu potencial.

# AGRADECIMENTOS

---

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem Ele eu não teria a oportunidade de chegar onde estou. Agradeço também a meus pais que me deram a vida, aos meus avós que com muito amor sempre cuidaram de mim. Outro agradecimento especial aos meus professores que foram a fonte do meu conhecimento. E meu profundo agradecimento a meu esposo que está sempre ao meu lado, me apoiando e me orientando em cada decisão.

Algumas pessoas vão querer  
saber o motivo do teu sorriso,  
de onde você tira tanta força  
para seguir em frente,  
de onde vem tanta fé,  
vão querer saber de onde você  
tira as palavras certas,  
de onde vem tanto amor,  
vão querer saber como você consegue  
enfrentar seus problemas com  
tanta confiança de que  
tudo vai dar certo.  
Então você vai responder:  
Eu tenho Deus!<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Autor desconhecido.

# APRESENTAÇÃO

---

Qual a importância da Libras na formação e desenvolvimento do sujeito surdo? Se você for ouvinte, pode fazer uma comparação com a importância da Língua Portuguesa em sua vida. Sabe-se que a comunicação é fator crucial para todas as pessoas. Imagine-se num mundo silencioso, onde ninguém pode se comunicar com você. Parece muito difícil não é mesmo? Para o surdo, a Libras é uma necessidade. Para o ouvinte, a Libras é uma língua solidária, onde você será capaz de ajudar o sujeito surdo nos diversos contextos cotidianos. Não privemos o surdo do acesso à sua língua materna, pois é ela que vai permitir ao surdo desenvolver-se e viver uma vida comum. É preciso dar ao surdo a liberdade de escolha e ele opte se vai usar Libras ou não, pois ele é o único responsável por sua própria identidade. Ouvintes e surdos possuem apenas uma diferença: a língua de instrução.

# SUMÁRIO

---

A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COMO FATOR CONSTITUTIVO DAS IDENTIDADES SURDAS.....	9
1 INTRODUÇÃO.....	10
2 METODOLOGIA .....	11
3 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS .....	11
4 PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES SURDAS.....	16
5 A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS NO PERÍODO CONSTITUTIVO DAS IDENTIDADES SURDAS.....	18
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	21

## **A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COMO FATOR CONSTITUTIVO DAS IDENTIDADES SURDAS**

**Resumo:** Este artigo trata da influência da Língua de Sinais no período de constituição das identidades surdas. Visto que estamos na era da inclusão social, é necessário que os ouvintes compreendam e aceitem a língua das pessoas surdas, fazendo o possível para que possam se entender e viver em comunhão. O objetivo central deste trabalho é compreender como ocorre o processo de construção da identidade das pessoas surdas, sendo elas expostas à Língua de Sinais ou não. Os autores mais citados ao longo do estudo foram: Quadros (2006 - 2012), Quadros e Karnopp (2004) e Petrilli (2013). Este é um artigo de revisão, pois resume, aborda e analisa temas de materiais já publicados, portanto podemos dizer que o resultado da pesquisa é bibliográfico. Este é um tema pertinente aos dias atuais, pois trata também de desafios enfrentados diariamente pelos surdos. A melhor forma de compreender as necessidades do outro, é colocando-se no lugar dele. Veremos no decorrer do estudo que mesmo o surdo assumindo-se como surdo e vivendo como tal, precisa transpassar as barreiras que o separam do “mundo dos ouvintes”. Alguns surdos negam-se como surdos, pois tentam evitar ser diferentes. É preciso quebrar essa ideia de que o surdo não é capaz, por que é surdo. A única diferença entre surdos e ouvintes é a língua que usam. Portanto, o surdo pode ser visto como um “estrangeiro” em seu país.

**Palavras-chave:** Identidade. Libras. Comunidade. Cultura.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo traz como tema “A Língua Brasileira de Sinais como fator constitutivo das identidades surdas”. O mesmo será trabalhado, tendo como base, surdos que são expostos à Língua de Sinais e surdos que são privados desse acesso.

O tema apresentado é relevante para que surdos e ouvintes venham a ter conhecimento de que a Libras, diferente do que muitos pensam, não torna o surdo deficiente, nem incapaz. Na verdade a Libras atende à necessidade do surdo, dando a ele maior compreensão e clareza no que diz respeito à língua.

Essa pesquisa tem como objetivos: Compreender aspectos que influenciam na construção da identidade de pessoas surdas; Analisar como fatores linguísticos afetam no desenvolvimento da pessoa surda; Investigar como o surdo edifica sua identidade sendo exposto á língua de sinais, ou sendo exposto unicamente á oralização. Visto que a língua à que o surdo será exposto, seja ela, oral-auditiva ou visuoespacial, dirá muito sobre a identidade que ele assumirá.

Este é um artigo de revisão bibliográfica, pois tem por base, pesquisas realizadas em materiais já publicados. O artigo está subdividido em três partes, onde a primeira parte trata de questões gerais acerca da Língua Brasileira de Sinais. A segunda parte aborda o processo de construção das identidades

surdas, finalizando com a influência da Língua de Sinais no período constitutivo das identidades surdas.

## **2 METODOLOGIA**

Este é um artigo de revisão bibliográfica, logo, foram utilizadas pesquisas em referenciais teóricos que tratam do tema em pesquisa. Para o alcance dos resultados, foram estudados muitos materiais, incluindo livros, artigos, revistas, pesquisas, entrevistas com surdos e ouvintes inseridos na cultura surda. Basicamente, a busca pela solução dos problemas apresentados, foi baseada em leituras, nas quais, foram apresentados muitos resultados positivos quanto à inserção do surdo no mundo da Libras.

## **3 LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

Há algum tempo os profissionais educacionais que trabalham com alunos surdos têm investido em estudos acerca da Língua de sinais, visto que essa é a língua mais acessível ao surdo, pois ela não necessita de retorno auditivo para ser articulada, pois sua modalidade é visuoespacial.

Os seres humanos podem utilizar uma língua de acordo com a modalidade de percepção e produção desta: modalidade oral-auditiva (português, francês, inglês, etc.) ou modalidade visuoespacial (língua de sinais brasileira, língua de sinais

americana, língua de sinais francesa, etc.). QUADROS e KARNOPP (2004, p. 24).

Podemos dizer que língua natural é aquela adquirida sem muito esforço. No caso dos ouvintes, aprendem a língua oral-auditiva usada no local de pertencimento, contudo, no caso dos surdos, a língua de modalidade visuoespacial, será adquirida naturalmente.

Reunindo algumas das características atribuídas às línguas naturais, [...] pode-se dizer que uma língua natural é uma realização específica da faculdade da linguagem que se dicotomiza num sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases. Além disso, a utilização efetiva desse sistema, com fim social, permite a comunicação entre os seus usuários. QUADROS e KARNOPP (2004, p. 30).

O domínio de uma língua desde a mais tenra idade é o que garante o desenvolvimento integral do indivíduo, por isso é preciso que a língua de sinais seja exposta ao surdo o mais cedo possível.

O reconhecimento da importância da necessidade de exposição imediata a uma estrutura linguística advém do acúmulo de dados resultantes dos estudos que investigam o desenvolvimento da linguagem em pessoas surdas expostas a *input* linguístico nas mais diferentes idades, na dependência de, entre outras coisas, serem filhos de pais surdos ou ouvintes. Os resultados dessas investigações demonstram que surdos expostos à linguagem desde o nascimento apresentam uma performance linguística mais acurada, tanto para a primeira como para uma segunda língua. QUADROS (2006, p. 222).

Quadros e Karnopp (2004, p. 29) afirmam que a língua é um sistema altamente desenvolvido e que possivelmente começou pela necessidade humana de se comunicarem, a fim de sobreviverem. Logo, a função primária da língua é a comunicação e a expressão do pensamento.

A Libras é produzida por sinais, além de movimentos, expressões faciais e corporais. É necessário que usemos recursos visuais para alcançar a comunicação efetiva.

O uso criativo da língua de sinais para produzir novos sinais tem sido chamado também “sutileza poética” e é relacionado à maneira com que os sinalizantes podem produzir imagem visual forte pelo tratamento criativo da forma visual dos sinais. (QUADROS, 2006, p. 147).

Vale salientar que a competência na Língua de sinais não é a garantia de estar inserido na comunidade surda. Também há outros fatores importantes como respeitar a identidade e a cultura de cada surdo. Compreender o modo de vida dele, colocar-se no lugar desse outro.

Toda língua passa por modificações, seja por motivos históricos, ou geográficos. A sociedade cria dialetos para se comunicarem e na Libras não é diferente. “[...] enquanto a espécie humana existir, “a língua não poderá nunca ser geometrizada” (LEOPARDI; ZIBALDONE, 1823 *apud* PETRILLI, 2013, p. 313).”

Nas línguas em geral acontecem fenômenos conhecidos como variações, que ocorrem por fatores históricos e culturais, em diferentes contextos. Portanto, pode-se dizer que uma mesma língua pode ser falada de várias formas, variando então de acordo com aspectos geográficos, sociais, culturais, etc. Esse fenômeno foi nomeado como plurilinguismo interior, de que nos fala Petrilli (2013).

É comum ouvirmos o termo “cultura surda”, porém há de se repensar esse termo, visto que, os surdos brasileiros não são todos iguais, nem tem os mesmo ideais, nem lutam todos pela mesma causa. Cada surdo é único, não temos o direito de igualá-los. Conforme defendido por Souza (2010, p. 290) discussões sobre cultura nacional servem para desconstruir o mito da homogeneidade linguística e cultural em territórios nacionais. Souza (2010 p. 298) afirma, com base na heterogeneidade observada por Bakhtin, que os indivíduos não existem socialmente isolados; cada membro de uma comunidade pertence simultaneamente a vários grupos sociais.

Conforme Barbosa (2011) toda língua é construída culturalmente e utilizada para transmissão dos conhecimentos da comunidade utilizadora. Com base nessa citação, entende-se que toda língua sofre transformações, que cada grupo social vai alterá-la de acordo com sua necessidade. Contudo, no caso da Libras, há sinais que variam de acordo com a região, bem como na Língua Portuguesa, variam as locuções.

Já compreendemos certas questões sobre a Língua de Sinais, ligadas à cultura. Veremos também questões que conectam a Libras à massa ouvintista. QUADROS (2006, p. 217 - 218) afirma, sobre o preconceito linguístico:

Em um primeiro momento, pode parecer que tratar mais uma vez de temas que se referem à utilização da língua de sinais por surdos é dizer o óbvio, visto que essa questão tem sido bastante discutida. Mas talvez não seja bem assim, pois, embora já existam leis, portarias e declarações de direitos internacionais que aparentemente garantem os direitos legais para o uso dessa modalidade linguística, a sombra do preconceito e da discriminação continua a impedir os surdos de terem uma vida integrada à sociedade.

Rossi-Landi (1972-1978) *apud* Petrilli (2013) “a classe dominante é a classe que exercita o controle sobre a comunicação”. Logo, fazer parte da minoria, pode dar aos surdos o papel de excluídos. Ainda que tenham hoje direitos reconhecidos e garantidos por lei, a sociedade em si, ainda não reconhece o surdo como sendo cidadão de direitos e usuário de uma língua diferente à do ouvinte brasileiro. Esses direitos assegurados por lei são negados quando o surdo não pode “ir e vir” sozinho na comunidade. Exemplo é o fato de médicos, motoristas, cobradores, lojistas, etc. não terem conhecimento da Libras para compreender e auxiliar o surdo. Se ele precisa de alguém que o acompanhe e interprete em todo tempo, seus direitos não estão sendo cumpridos.

## 4 PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES SURDAS

Quando afirmamos que o surdo tem uma identidade própria, estamos minorizando-o, seria correto dizer que o surdo possui identidade. Caso as possibilidades de identidade surda fosse apenas uma, viver-se-ia uma uniformidade coletiva (GESSER, 2009).

Existem em nosso meio, surdos homens, surdas mulheres, surdo-cegos, surdos negros, surdos brancos, surdos homossexuais, etc. Logo, não podemos diminuí-lo à uma cultura surda. Cada surdo tem suas lutas, sua história, seus desejos, anseios, objetivos. Cada ser é único e dotado de subjetividade.

A existência das identidades surdas abrange peculiaridades culturais e sociais, Perlin (1988; *apud* SALLES, 2004; *apud* BARBOSA, 2011), classifica-as como:

- Identidade Flutuante: quando o surdo se espelha no ouvinte, vivendo de acordo com a realidade do ouvinte;
- Identidade inconformada: quando o surdo não consegue viver de acordo com a realidade do ouvinte e se sente como tendo uma identidade subalterna;
- Identidade de transição: quando o contato do surdo com a comunidade surda não acontece na infância, o que traz um conflito cultural interno;
- Identidade híbrida: quando o sujeito nasce ouvinte e sofre uma perda auditiva, e este se utiliza para comunicar a língua sinalizada e para pensar a língua oral;
- Identidade surda: quando o surdo pôde desenvolver-se em contato precoce com a língua sinalizada e a

comunidade surda, aprendendo a perceber o mundo visualmente.

“Há muitos séculos prevaleceu e prevalece o conceito de ser surdo como inferior, anormal, deficiente. Ainda hoje está fortemente presente, em alguns lugares mais radicais, esse conceito que oprime e exclui o surdo da participação social.” (QUADROS, 2006, p. 170). O surdo vem lutando e conquistando seu espaço na sociedade, mas é fato, que a luta diária do surdo é por igualdade de direitos e igualdade de acesso. “Falemos então do problema do ouvicentrismo, em que se indica que somente vale o que é “experiência ouvinte”.” (QUADROS, 2006, p. 172).

Alguns surdos tem dificuldade em se aceitar como surdos, por serem vistos pela sociedade como “diferentes” ou até mesmo “deficientes”. É preciso que o surdo cresça em contato com outros surdos, para que ele perceba que a falta da audição não o torna incapaz. “Por isso, existe a necessidade de que essas crianças estabeleçam contato com os surdos adultos e, assim, possam, ao mesmo tempo em que adquirem a língua de sinais, construir também uma identidade psicossocial e cultural dentro de comunidades surdas.” (QUADROS, 2006, p. 220).

A cultura surda é definida por Strobel, como:

"O jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais que contribuem para a definição das identidades surdas e das almas das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os

costumes e os hábitos do povo surdo." (STROBEL, 2008; *apud* NOVAES, 2010; *apud* BARBOSA, 2011).

Entende-se então que, identidade não é o que as pessoas ao redor dizem que somos, mas aquilo que de fato somos, como nos reconhecemos, como nos desenvolvemos, identidade é algo próprio e individual de cada um.

## **5 A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS NO PERÍODO CONSTITUTIVO DAS IDENTIDADES SURDAS**

"Muitas pessoas surdas foram ensinadas a negar sua surdez e tentar passar-se por pessoas ouvintes por muitos anos." (QUADROS, 2006, p. 116).

Em QUADROS (2006), nos deparamos com uma pesquisa realizada com três indivíduos surdos, sendo eles: Maria, 29 anos (teve seu primeiro contato com a Libras aos 21 anos). Pedro, 22 anos (teve seu primeiro contato com a Libras aos 16 anos). Janice, 22 anos (teve seu primeiro contato com a Libras na fase da puberdade).

Ambos os entrevistados alegam que antes de serem apresentados à língua de sinais, tinham pouco, ou nenhum conhecimento e viviam tempos de sofrimento. Comentaram também que comunicavam-se por sinais, muito próximos de mímica. Esses sinais eram conhecimento somente pela família. Sinais caseiros proporcionam uma comunicação muito limitada,

isso faz com que as relações também sejam reduzidas. Geralmente, quando há um surdo em família ouvinte, este acaba tendo que se adequar á língua oral, porém, quando nega-se a surdez, o surdo é privado linguística e culturalmente.

Os três entrevistados contam que sentiam-se excluídos socialmente. Conforme cresciam, mais acentuava-se o isolamento, inclusive no seio familiar. O grande problema é que a família coloca o surdo no lugar de deficiente e trata-o como tal. As pessoas tem a falsa ideia de que o surdo é desprovido da capacidade de compreensão. Por fazerem uso de uma comunicação superficial, só puderam compreender conceitos abstratos, religiosos, etc. depois que se apropriaram da língua de sinais.

O sistema de comunicação precário ao qual foram submetidos antes da aquisição da língua de sinais comprometeu bastante a vida em comunidade e o desenvolvimento cultural, até mesmo em situações cotidianas simples, como andar de ônibus, fazer compras, ou ir a algum lugar sozinhos.

Os entrevistados relatam que suas vidas mudaram após conhecerem a língua de sinais, tendo agora interação com o mundo e com a sociedade, perceberam que não estão sozinhos e que existem outros surdos. A língua de sinais os proporcionou um leque de possibilidades e aprendizado.

A pesquisa mostra que, embora o contato com a língua de sinais seja tardio, a apreensão é rápida e logo aquela língua passa a fazer sentido. Percebe-se também certa diferença entre

a linguagem usada por Maria e Janice. Maria apresentou maior dificuldade de compreensão, alguns sinais caseiros e repetição de sinais. Janice apresentou pensamento claro, abstrato, coeso e amplo vocabulário.

A conclusão da pesquisa revela que, ainda que gostem de estar entre a família, ambos os entrevistados demonstram maior prazer estando entre a comunidade surda, onde têm compreensão e maior liberdade de comunicação, pois

a comunidade surda possibilita ao surdo um suporte para a constituição de sua subjetividade. Através da língua de sinais, o sujeito surdo passa a se nomear e é inserido na cultura surda. O encontro com a comunidade surda permite-lhes sair do lugar do diferente, [...]. Os valores transmitidos passam a ser os da comunidade surda. QUADROS (2006, p. 210)

Estudiosos de aquisição da linguagem em pessoas surdas apontam que o ideal seria que a criança surda crescesse em ambiente bilíngue, pois o conhecimento da língua de sinais, acrescido da língua oral/escrita, propicia maior desenvolvimento das capacidades cognitivas, linguísticas e sociais. Além de contribuir para a interação com a família, visto que a linguagem é fator relevante para consolidar laços afetivos e sociais (QUADROS, 2006).

Como, a maioria das crianças surdas na escola não eram filhas de pais surdos, a conclusão era óbvia, as crianças não estão tendo acesso a uma língua visual-espacial de forma efetiva. Elas chegam na escola tardiamente já apresentando

atrasos no desenvolvimento da linguagem. (QUADROS, 2012)

O contato com a Libras desde a infância dá ao surdo um maior conhecimento de mundo, ele vê possibilidades que até então não eram permitidas aos surdos. O surdo pode sim 'e deve' estudar, ter uma profissão, alcançar sucesso na vida pessoal e profissional. Nos relatos dos surdos na pesquisa apresentada acima, vemos quão importante foi para esses surdos o conhecimento da libras, quanto isso abriu a visão deles. Encontramos também na obra de Vilhalva (2004) um recorte de caráter poético que explicita sua visão quanto á aquisição da Libras.

Eu tive um renascer ao estar na comunidade surda, aquele sentimento de estar só no mundo acabou e o medo das pessoas foi diminuindo e assim através da Língua de Sinais eu comecei a entender os significados dos sentimentos, das coisas, das pessoas, das ações e muito mais das palavras. Eu comecei a viver realmente como as demais pessoas e entender o porquê de minha existência, [...] (VILHALVA, 2004, p. 37).

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao término do presente trabalho, pode-se dizer que os objetivos traçados foram alcançados com êxito. Para que os mesmo fossem alcançados, observou-se que quando o surdo é exposto à Língua de Sinais, seus conhecimentos tornam-se mais claros. Muitas vezes, o surdo que é privado dela e apropria-se de

uma língua oral-auditiva, não compreende efetivamente conceitos do cotidiano dele.

O fato de a Língua de Sinais não necessitar de estímulos auditivos faz com que essa seja a língua mais apropriada aos indivíduos surdos, uma vez que através dela é possível comunicar tanto quanto a língua oral. Ou seja, o surdo não perderá informações por estar utilizando Língua de Sinais.

A língua a qual o surdo será apresentado inicialmente influenciará diretamente na identidade a qual ele se apropriará.

Ao longo da construção do trabalho, foram encontradas obras muito interessantes acerca do assunto em estudo. Dissertar sobre o tema foi muito construtivo, pois as pesquisas nos trazem outro olhar sobre aquilo que vemos de forma rotineira.

As obras de Ronice Müller de Quadros são fascinantes e esclarecedoras. Também recomendo a leitura de “O despertar do silêncio” de Shirley Vilhalva. A obra tem um ar poético que retrata com maestria a vida de um surdo sem conhecer a Língua de Sinais.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. A. S. **Bilinguismo e a educação de surdos.** 2011. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/bilinguismo-e-a-educacao-de-surdos/67821/#ixzz1PqQFRWZk>> Acesso em: 23 set. 2016.

GESSER, A. **Libras?:** que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MIOTELLO, V. **Discurso da ética e a ética do discurso.** São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2011.

PETRILLI, S. **Em outro lugar e de outro modo.** São Carlos/SP:2013.

QUADROS, R. M. e KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira:** estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. (org.) **Estudos surdos I.** Petrópolis: Arara Azul, 2006.

QUADROS, R. M. Estudos de línguas de sinais: uma entrevista com Ronice Müller de Quadros. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012  
Disponível em: [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br). Acesso em: 24 set. 2016.

SOUZA, L. M. T. M. **Cultura, língua e emergência dialógica.** Uberlândia /MG: 2010.

VILHALVA, S. **Despertar do silêncio.** Rio de Janeiro: Arara Azul, 2004.

Alguns surdos negam-se como surdos, pois tentam evitar ser diferentes. É preciso quebrar essa ideia de que o surdo não é capaz, por que é surdo. A única diferença entre surdos e ouvintes é a língua que usam. Portanto, o surdo pode ser visto como um “estrangeiro” em seu país.

Agatha Camilo



ISBN 978-65-87169-26-2



9786587169262